

O *continuum* da invenção em *Serafim Ponte Grande*

El continuum de la invención en Serafim Ponte Grande

Thaís Artoni Martins¹

Resumo

Walter Benjamin Benjamin (1987) põe em xeque a concepção linear do continuum tempo e da própria história. Nos ensaios “O Narrador”, “Experiência e Pobreza” e “Teses sobre o conceito de história”, o autor apresenta reflexões inovadoras a respeito dos conceitos de experiência, história, tempo e narração. Percebe-se no pensamento oswaldiano certa aproximação com esses conceitos, principalmente nos textos que trabalham a antropofagia. Em 1933, Oswald de Andrade publica a obra *Serafim Ponte Grande*, nomeada pelo próprio autor como “romance-invenção”, uma obra fragmentária e experimental que questiona, por si só, propósitos de linearidade e tradição. Beatriz Azevedo (2018) coloca o questionamento “seria Oswald de Andrade um comedor do tempo?” (p. 35). Ao ler “comedor do tempo” entendemos que há uma relação entre a maneira como o autor entende o continuum temporal e o conceito de antropofagia, importante aspecto do pensamento Oswaldiano. Se o autor compreende “tempo/história” como algo não somente selvagem e fragmentário, mas também descontínuo e passível de deglutição, como ele propõe ou representa essa temporalidade em sua obra? Seria o próprio tempo uma invenção? De que forma, então, se daria esta invenção? Que relação tem ele com a quebra do continuum temporal e a quebra do relato histórico pré-determinado (BENJAMIN, 1987)? E de que maneira esta relação se evidencia na antropofagia que perpassa a obra? Verificamos, então, no presente estudo, de que maneira o pensamento oswaldiano, em especial expressado no romance-invenção *Serafim Ponte Grande* e no Manifesto Antropófago, dialoga com os conceitos propostos por Benjamin.

Palavras-chave: Antropofagia; *Continuum* da invenção; *Continuum* tempo; *Serafim Ponte Grande*; Walter Benjamin.

Resumen

Walter Benjamin (1987) cuestiona la concepción lineal del continuo del tiempo y de la historia misma. En los capítulos “El narrador”, “Experiencia y pobreza” y “Tesis sobre el concepto de historia”, el autor presenta innovadoras reflexiones sobre los conceptos de experiencia, historia, tiempo y narración. En el pensamiento oswaldiano se percibe una cierta aproximación a estos conceptos, principalmente en los escritos que trabajan sobre la antropofagia. En 1933, Oswald de Andrade publicó la obra *Serafim Ponte Grande*, denominada por el propio autor como “romance-invención”, una obra fragmentaria y experimental que cuestiona, por sí misma, la linealidad de la tradición. Beatriz Azevedo (2018) hace la pregunta “¿Oswald de Andrade sería un devorador de tiempo?” (pág. 35). Al leer “devorador de tiempo” entendemos que existe una relación entre la forma en que el autor entiende el continuo temporal y el concepto de antropofagia, un aspecto importante del pensamiento oswaldiano. Si el autor entiende el “tiempo / historia” como algo no solo salvaje y fragmentario, sino también discontinuo y susceptible de ser tragado, ¿cómo propone o representa esta temporalidad en su obra? ¿Era el tiempo en sí mismo una invención? ¿Cómo, entonces, se produciría esta invención? ¿Qué relación tiene con la ruptura del continuo temporal y la ruptura del relato histórico predeterminado (BENJAMIN, 1987)? ¿Y cómo se manifiesta esta relación en la antropofagia que impregna la obra? Comprobamos, entonces, en el presente estudio, cómo el pensamiento oswaldiano, especialmente expresado en la novela-invención *Serafim Ponte Grande* y en el Manifesto Antropófago, dialoga con los conceptos propuestos por Benjamin.

¹ Mestranda em Estudos Literários; Universidade Estadual de Londrina; Londrina, Paraná, Brasil; thartoni@gmail.com

Palabras clave: Antropofagia; *Continuum* de la invención; *Continuum* tiempo; *Serafim Ponte Grande*; Walter Benjamin.

Oswald, ao publicar a obra, em 1933, risca a palavra “romance” da capa e escreve ao lado “invenção”, gerando assim um romance-invenção. Já foi evidenciado por Haroldo de Campos, em prefácio à própria obra, que o caráter inventivo do romance tem grande relação com a estrutura que apresenta. Afinal, *Serafim Ponte Grande* parodia diversos gêneros literários, para, por fim, negar todos eles. A obra é composta por uma colagem de diversos fragmentos que, por si só, quebra a lógica da linearidade e da finitude. Mas de que forma o próprio enredo, a própria narrativa, quebra essa lógica? Que história quer ela inventar?

Para pensar o conceito de história em Benjamin, é necessário vê-lo não apenas como a passagem da realidade no tempo, mas também o processo e a compreensão desta passagem. O autor reflete não somente sobre o devir histórico, mas também sobre a narração que se faz sobre esta; narração tal, segundo Benjamin, inseparável da prática. Ele critica, portanto, o modelo mecanicista e determinista da causalidade histórica. Para ele, tanto a historiografia “burguesa” quanto a “progressista” se apoiam num modelo de “tempo homogêneo e vazio”: um tempo cronológico e linear. Assim, para Benjamin, em vez de cravar uma “imagem eterna do passado” ou “para o futuro”, deve-se buscar a experiência (*Erfharung*) através do passado (GAGNEBIN, 1987, p.8).

No entanto, a *Erfharung*, para Benjamin, estaria também esgotada na sociedade moderna, colocando em seu lugar uma experiência individual, solitária. Para o autor, há uma relação direta entre o fracasso da *Erfharung* e o detrimento da arte de narrar. Assim, a reconstrução da experiência deve acompanhar uma nova forma de contar. Se a experiência é algo não linear, que parte de diferentes lugares, de maneira fragmentária, como uma reconfiguração da memória, assim também é a história e a narração. Dessa forma o autor propõe recortes, fragmentações, saltos que quebrem com o *continuum* da história. Ao propor que se escove “a história a contrapelo”, Benjamin busca olhar atentamente as diferentes leituras das transformações humanas, para as experiências subalternas, para novas formas de narração. Assim, narração, experiência, história e tempo são conceitos que conversam entre si em Walter Benjamin.

No prefácio denominado “Serafim: um grande não livro”, Haroldo de Campos (1971) coloca que a preocupação de Oswald com o “arcabouço” da obra o levou a um “*continuum* da invenção”. Campos vê Oswald como um *bricoleur* e *Serafim...* como uma colagem. A *bricolage* para o antropólogo Lévi-Strauss, como o próprio Haroldo aponta, é uma característica do pensamento selvagem, aplicada pelas vanguardas da época por ter relação com o próprio pensamento poético, analógico. Segundo Eduardo Viveiros de Castro:

o “pensamento selvagem” não é o pensamento dos “selvagens” ou dos “primitivos” (em oposição ao “pensamento ocidental”), mas o pensamento em estado selvagem, isto é, o pensamento humano em seu livre exercício, um exercício ainda não domesticado em vista da obtenção de um rendimento. (Entrevista à *Revista com Ciência*)

O próprio Manifesto Antropófago traz em si o pensamento selvagem. Oswald faz uso do termo “antropofagia” como estratégia para a discussão da cultura e do poder e propõe uma “reabilitação do primitivo” no “homem ocidental”. Ao propor a “reabilitação do primitivo”, busca romper com a ideia evolucionista de que a história parte do primitivo para culminar no civilizado, buscando a valorização de aspectos considerados “bárbaros”, que foram não

somente marginalizados mas completamente apagados pelo processo de colonização. Assim, ele propõe uma reescritura da tradição discursiva (narrativa) brasileira.

Através da antropofagia e outros conceitos engendrados nos contextos geopoliticamente periféricos, os saberes têm sido reescritos seguindo novos eixos; atualmente podemos pensar os “centros” econômicos a partir das margens, tendo em perspectiva a sua alteridade. (FERREIRA DE ALMEIDA, 2005, p.4)

“Em Piratininga / Ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.” (2017, p. 60) data e assina o Manifesto, apontando para um momento de origem da Antropofagia, e uma indicação de releitura histórica. Além disso, Oswald escreve em “Objeto e fim da presente obra” duas frases que instigam: “O Brasil imigrante começou por trás.” (2007, p.49) e “Voltar para trás é que é impossível. O meu relógio anda sempre para a frente. A História também.” (2007, p. 58) Ao mesmo tempo que o relógio anda para a frente, anda também para trás, como escreveu o autor ao final da obra: “Este livro foi escrito de 1929 (era de Wall-Street e Cristo) para trás” (2007, p.208). Oswald parece, ao mesmo tempo, tentar unificar complexos temporais e aproximar uma América pós-Conquista a uma América “moderna”. “Voltar para trás” é reler a própria história. É reconsiderar, no momento da obra, os “agoras” de que fala Benjamin. No entanto, o autor também ressalta: “voltar para trás é impossível”. A obra é, então, escrita para trás justamente para que a ação futura seja repensada. Afinal: “A consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação.” (BENJAMIN, 1987, p.230)

Outro marco temporal importante é a “revolução Caraíba”, que indica um conflito entre o Brasil Caraíba (verdadeiro) e um outro Brasil, tradicionalmente contado. Conforme apontam Nodari (2018) e Azevedo (2018), o mito de origem caraíba era, também extraterritorial, razão pela qual os colonizadores os chamavam de profetas. Era a chamada Terra Sem Mal, cuja busca liderou diversas migrações.

Ao que tudo indica, nas cosmologias tupi-guarani pré-profetismo, a Terra sem Mal era um lugar reservado postmortem (...). O que os caraíba passaram a apregoar era que o acesso a ela não estava mais restrito aos guerreiros, possuindo uma “localização geográfica precisa” e sendo agora “acessível aos vivos, aonde era possível, ‘sem passar pela prova da morte’, ir de corpo e alma”. (2018, p. 2490-2491)

Bom, se pensarmos a migração como algo além da morte e esta como um rompimento temporal, podemos situar neste limbo também o último capítulo de *Serafim...* numa viagem que compunha algumas paradas mas jamais um desembarque. Estavam com a alma e sem as roupas, questão que aponta, novamente, para o pensamento selvagem, e protestado no Manifesto: “O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido.” (2017, p. 50)

Walter Benjamin coloca, ao discutir o conceito de história, o viajante como figura importante para a narração e a falta dele é responsável, em parte, pelo esgotamento da experiência. No último capítulo, denominado “Os antropófagos” acompanhamos os marinheiros viajantes que passavam de país em país, numa navegação sem fim, e recusavam a desembarcar. Se entendermos, então, o próprio viajante como um narrador e, em *Serafim...*, a viagem como eterna, imparável, assim vemos também a narração da própria história. A narração é fragmentária, passa de lugar em lugar: “Encostaram nos mangueirais da Bahia. Sempre com peste. Depois em Sydney, Malaca, nas ilhas Fidji, em Bacanos, Juan Fernandez e Malabar.” (2007, p.206) No entanto, é inventiva. Os viajantes fugiam do “contágio policiado dos portos,

pois era a humanidade liberada.” Assim, a narração deve ser libertária. A antropofagia não deve parar, a invenção não deve parar.

Segundo o próprio Oswald, “Tudo na arte é descoberta e transposição.” Ao articular, no Manifesto Antropófago, a relação Brasil-mundo, eu-outro, história-tempo, ele propõe um espaço de reinvenção antropófaga. “Caminhamos” (2017, p.51): é a proposta do Manifesto. Um movimento contínuo, coletivo, imparável. Este movimento é inventado e reinventado em Serafim, onde a arte por si só é móvel. O *continuum* da invenção aponta, então, não para um passado cheio de “agoras”, tampouco para o que somos (ou seremos) imutavelmente (num futuro adiado). Aponta para o que podemos e queremos transformar, agora. *Serafim Ponte Grande* aponta antropofagicamente para um futuro presente, ameaçado pela tentativa de unificar o mundo. Assim, ao quebrar, em seu romance-invenção, o *continuum* tempo, ele propõe um *continuum* invenção. Invenção não só de uma estrutura, mas de uma nova maneira de pensar e narrar o tempo e a história.

Referências

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago e outros textos*. Org. Jorge Schwartz e Gênese Andrade. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. 9. ed. São Paulo: Globo, 2007.

AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia: Palimpsesto Selvagem*. São Paulo, SESI-SP ed., 2018.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. In: ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. 9. ed. São Paulo: Globo, 2007.

FERREIRA DE ALMEIRA, Maria Cândida. Só a antropofagia nos une. In: *CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*. Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100916022448/11ferreira.pdf>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987.

NODARI, Alexandre; AMARAL, Maria Carolina de Almeida. A questão (indígena) do Manifesto Antropófago. *Rev. Direito Práx.* Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 2461-2502, Oct. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37974> Acesso em: 24 ago. 2020.

ROCHA, João Cezar de Castro. RUFFINELLI, Jorge. *Antropofagia hoje?: Oswald de Andrade em cena*. São Paulo, Realizações Editora, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Entrevista à *Revista Com Ciência*. São Paulo, 10/05/2009.
Disponível em: <https://bit.ly/3hrkRJB>. Acesso em: 24 ago. 2020.